



# COP 28

## Entre brindes e dúvidas

O acordo que aponta em direcção ao fim dos combustíveis fósseis marcou a cimeira do clima em Dubai. Celebrado como um marco histórico, pode ser apenas uma declaração de intenções se medidas concretas não forem tomadas.

# COMPRE TRACTORES

**Novos**  
ou  
**Recondicionados**  
e Respectivas  
**Alfaias**



**Para  
Encomenda  
Contacte-nos**

*terramagazinemz@gmail.com*

# CONTEÚDOS



## O INÍCIO DO FIM DA ERA DOS COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS (?)

# 07

No meio de fortes pressões e lobbies antagónicos, a COP 28 entra na história como a conferência que dá início ao fim da era dos combustíveis fósseis. Mas o acordo que já é considerado histórico pode ser apenas uma declaração de intenções se não forem dados os passos concretos para a sua materialização, tanto mais que o texto final é tudo, menos claro sobre o processo a ser seguido.

## 10 BÉLGICA TROCA DÍVIDA POR CRÉDITO CLIMÁTICO

O Governo da Bélgica decidiu perdoar metade da dívida de Moçambique e convertê-la em fundo para acções de prevenção e combate às mudanças climáticas.

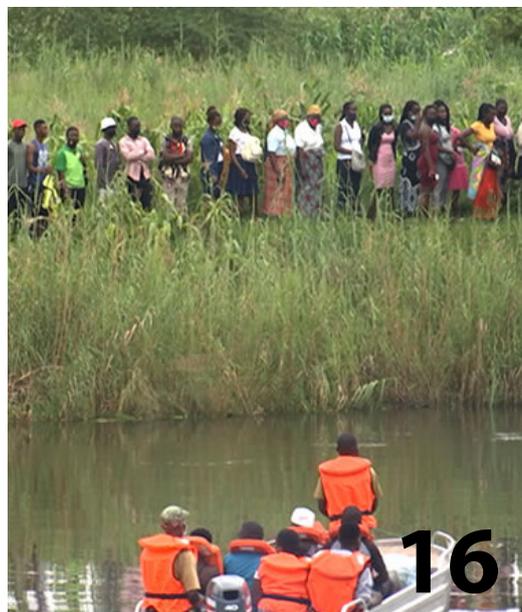
## 12 ENI ANUNCIA PROJECTO DE PRODUÇÃO DE ÓLEO VEGETAL

A Eni Rovuma Basin (ERB), operadora do projecto de exploração de gás na Área 4 da Bacia do Rovuma, vai iniciar com a produção de óleo vegetal para ser usada como matéria-prima nas bio-refinarias.



## FAO ALERTA SOBRE O IMPACTO DA PECUÁRIA SOBRE O CLIMA

Estudos recentemente divulgados indicam que a pecuária é responsável por 12% das emissões de gases de efeito estufa causadas pelas actividades humanas.



## AGRICULTORES LUTAM PELA VIDA APÓS O "DILÚVIO" EM BOANE

Depois de quase nove meses, os produtores ainda procuram se reerguer dos prejuízos, mas queixam-se de não ter apoio das autoridades locais

# Boas Festas

Que a fertilidade da terra se una à generosidade do espírito, proporcionando um Natal farto em colheitas e gratidão.

Revista  
**Terra**

**Aceda a nossa**  
*plataforma*  
**online através do**  
*www.revistaterra.co.mz*



## Ficha técnica

### Propriedade

Terramedia Consultoria e  
Serviços - SU

### Publicação:



### Revista Terra

Rua da Resistencia n.º  
1642, 3º Andar, Porta M  
Telef.: +258842399758,  
+258863233900  
+258821233910

**Email:** redacao@  
revistaterra.co.mz

**Registo sob n.º**  
**122/GABINFO/**  
**DEPC/210/2022**

### Editor

William Mapote

### Redacção:

William Mapote  
Julio Armino F.  
Guilherme FM  
Israel Falcão

### Colaboradores permanentes:

Dayson Cossa  
Arcelino S. Cumbi  
Nordino Gabriel  
Carma S.  
Amade Camal  
Adelino Buque  
Afonso Almeida Brandão

**Revisor Linguístico:**  
AR&Servicos SU

### Maquetização

Revista Terra  
Flora Langa

**Online/Webdesign**  
**Rui Baltazar**

**Administração:**  
**Narciso Filimão**

### website:

www.revistaterraonline.com  
www.revistaterra.co.mz

### Twitter:

@revistaterramz

# Editorial

## Teste de fidelidade

**D**epois dos compromissos com a acção climática feitos este ano pelo Governo, que mostraram avanços no alinhamento com a agenda global, 2024 será o início do verdadeiro teste de fidelidade com esta aliança.

Ao nível interno foram dados passos importantes, pelo menos do ponto de vista da consolidação da narrativa ambiental, nomeadamente, a aprovação da Estratégia Nacional de Transição Energética, que foi um dos activos através do qual o país sinalizou na COP 28, o compromisso com a agenda climática global e as potencialidades, oportunidades e necessidades para atrair os apoios necessários para fazer avançar a agenda.

Paralelamente, o processo da revisão da Lei de Terras e do Plano Nacional de Ordenamento Territorial, que têm indexada a resposta aos desafios ambientais são, também, aspectos que mostram a importância que neste ano foi dada às questões climáticas.

2023, um ano em que o país voltou a ser assolado por ciclones, mostrando, mais uma vez o nível de vulnerabilidade a que está exposto a factores climáticos extremos, fecha com outras ameaças à vista, o que sinaliza que 2024, poderá ser de múltiplos alertas: Partes da zonas Sul e Centro estão sob ameaça de seca severa, resultante do fenómeno El-Niño e, por outro lado, algumas regiões do país poderão enfrentar possíveis cheias.

A juntar a estas possibilidades está a probabilidade de ocorrência de ci-

clones.

Estes factores serão determinantes para que o Governo mostre com que linhas se cosem as suas juras com a acção ambiental.

Para já, os sinais, infelizmente, mostram que não há motivos para estarmos optimistas.

Com a época chuvosa em curso, muitas comunidades continuam a viver em zonas de risco a cheias ou inundações. No sector produtivo, a situação continua a mostrar o mesmo nível de exposição aos riscos.

Ao nível de infraestruturas, públicas e privadas, prevalecem (re)construções sem capacidade de resiliência, mesmo nas regiões que, à partida, se sabe que são “o caminho do vento” e, ao nível das autarquias, os planos de contingência ficaram em modo de voo, por conta do processo eleitoral.

Se, por ventura, a natureza decide começar já a mostrar o seu lado extremo, poderemos, mais uma vez, ser apanhados com as “calças nas mãos”.

As previsões para os próximos meses são conhecidas e os anos anteriores já nos deram lição.

Com a intensidade política que vai marcar 2024, esperamos que as instituições públicas não se deixem embalar pela guerra eleitoral e mantenham fidelidade aos compromissos ambientais assumidos neste ano.

Que a acção climática não fique para trás, muito menos seja vítima do processo eleitoral.



*William Mapote*

E-mail: wilpote@gmail.com



# Fim de combustíveis fósseis no horizonte

**COP 28 mostra luz no fundo do túnel, mas resistências do lobby das petrolíferas dá sinais de que o acordo de Dubai pode ser apenas uma intenção.**



Presídium da COP 28 saudando o acordo final sobre as energias fósseis

**N**uma conferência com direito a um dia de prolongamento, fez-se luz ao fundo do túnel na rota para o fim dos combustíveis fósseis. Depois de várias horas de lobbies, impasses e incertezas, o Sultan Al Jaber, presidente da COP 28, anunciava, a 13 de Dezembro, o acordo em torno dos combustíveis fósseis. “Temos uma formulação sobre as energias fósseis no acordo final, pela primeira vez. Devemos estar orgulhosos deste sucesso histórico e os Emirados Árabes Unidos (EAU), o meu país, estão orgulhosos do seu papel para aqui chegarmos. Deixamos o Dubai de cabeça erguida”, exultava Al Jaber. Na primeira vez na história das COP que um documento final dos trabalhos reflecte a transição dos combustíveis fósseis para fontes energéticas alternativas, os países chegaram a um acordo que abre espaço para o que já classifica como um passo histórico para acelerar a acção climática. O texto final, cujos termos foram

***Devemos estar orgulhosos deste sucesso histórico e os Emirados Árabes Unidos estão orgulhosos do seu papel para aqui chegarmos. Deixamos o Dubai de cabeça erguida***

negociados pelos Emirados Árabes Unidos, apela à “transição dos combustíveis fósseis nos sistemas energéticos, de forma justa, ordenada e equitativa”. Os termos acordados, reflectem ainda a necessidade de se acelerar, ainda na presente década, considerada como crítica, a acção com o objectivo de alcançar a neutralidade do carbono em 2050”. Contrariamente ao que era a pretensão das alas “progressistas” que defendiam que o texto final devia, de forma directa e objectiva, determinar a eliminação dos combustíveis fósseis, prevaleceu a vontade da organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), incluindo o país anfitrião (EAU). No lugar de “eliminar” o texto final optou pelo termo “transição”, o que, apesar das saudações que o desfecho teve, há sectores que dizem que soube a pouco, porque ainda abre espaço para a continuação da expansão dos combustíveis fósseis como fontes de energia.

## O INÍCIO DO FIM

O Secretário Executivo da Organização das Nações Unidas para as Alterações Climáticas, Simon Stiell, classificou o acordo sobre os combustíveis fósseis, de um avanço, mas foi menos cauteloso na avaliação. “Não viramos a página da era dos combustíveis fósseis, mas este resultado é o começo do fim” disse Simon Stiell no seu discurso de encerramento da COP 28. No mesmo desenvolvimento, Si-

ell apontou o que deve ser o caminho a seguir, no sentido de materializar o acordo alcançado. “Agora, todos os governos e empresas precisam de transformar estes compromissos em resultados para a economia real, sem demora”, frisou. Em jeito de balanço da conferência, aquele dirigente disse ser positivo, na medida em que culminou com a adopção de todos os elementos que estavam em negociação “e podem agora ser utilizados pelos países para

desenvolver planos de acção climática mais fortes, previstos para 2025”. Refira-se que, no geral, a COP 28 reconheceu e validou os dados da ciência que indicam que as emissões globais de gases com efeito de estufa precisam de ser controladas e reduzido em 43% até 2030, em comparação com os níveis de 2019, para limitar o aquecimento global a 1,5°C, admitindo, porém, que o passo actual está aquém do cumprimento dos objetivos do Acordo de Paris.

## Os Marcos de Dubai

Um dos principais marcos da conferência de Dubai é o acordo sobre a operacionalização do fundo de perdas e danos e dos acordos para o seu financiamento.

Com compromissos iniciais na ordem de pouco mais de 700 milhões de dólares que serão geridos por uma plataforma da Organização das Nações Unidas que terá como uma das responsabilidades, fornecer assistência técnica aos países em desenvolvimento que são particularmente vulneráveis aos efeitos adversos das alterações climáticas.

Por outro lado, as Partes acordaram metas para o Objectivo Global de Adaptação que estabelece metas e a necessidade de apoio financeiro, tecnológico e de capacitação para o seu alcance.

### AUMENTAR O FINANCIAMENTO CLIMÁTICO

O Fundo Verde para o Clima (GCF) recebeu um impulso para a sua segunda reposição, com promessas de financiamentos que atingiram um recorde de 12,8 mil milhões de dólares.

Por outro lado, oito governos ocidentais anunciaram novos compromissos para o Fundo dos Países Menos Desenvolvidos e para o Fundo Especial para as Alterações Climáticas, totalizando mais de 174 milhões de dólares.

Ainda assim, os valores prometidos são considerados como sendo exíguos para responder às demandas dos desafios climáticos.

“Estes compromissos financeiros estão muito aquém dos biliões necessários para apoiar os países em desenvolvimento nas transições para energias limpas, na implementação dos seus planos climáticos nacionais e nos esforços de adaptação” realçou Saimon Stiell que reiterou a necessidade de reformar a estrutura de financiamento.

“Para proporcionar esse financiamento, o balanço global sublinha a importância de reformar a arquitectura financeira multilateral e de acelerar o estabelecimento contínuo de fontes de financiamento novas e inovadoras”.

Alinhados os compromissos, a COP 28 definiu um novo objectivo colectivo para o financiamento climático que, a partir de 2024, aponta para necessidades financeiras na ordem de 100 mil milhões de dólares por ano, para financiar as necessidades e prioridades dos países em desenvolvimento.

Este valor deverá ser usado para apoiar a concepção e subsequente implementação de planos climáticos nacionais que precisam de ser concretizados até 2025.



**Bernardo Castro -  
activista ambienta**

“Não há justiça climática sem justiça social”

O ambientalista angolano, Bernardo Castro, considera que os resultados da COP 28 não podem ser vistos como um completo sucesso, pois podiam ter sido mais objectivos, a começar pela questão dos combustíveis fósseis.

“O balanço não é de todo positivo, embora entenda-se que há um passo dado da redução gradual dos combustíveis fósseis. Contudo, infelizmente esse passo é muito vago porque não há metas nem previsão de responsabilização para o caso de incumprimentos” disse.

Por outro lado, olhando numa perspectiva africana, o activista olha para o processo do fim de energias fósseis como desafiante, tendo em conta os problemas de desenvolvimento que continuam a ser a actualidade no continente, nomeadamente, a fome e a insegurança, daí que defende que não se pode chegar a uma justiça climática, sem “justiça social e económica”.

“Para os países africanos, a maior oportunidade está na exploração dos combustíveis fósseis. Falando, por exemplo, de Angola, a economia está atrelada ao petróleo. Perante os desafios ambientais, temos que apostar na adaptação, porque não vamos deixar de explorar os recursos. Não vale a pena, porque mesmo os países desenvolvidos não deixam”.

# “Transformar as promessas em acções concretas”



Jadwiga Massinga - Directora Nacional para as Mudanças Climáticas

---

Redação

---

Moçambique classifica de positivos os resultados alcançados na COP 28 a avaliar pelos avanços e consensos alcançados para os principais temas que estavam em cima da mesa. Em entrevista à Revista Terra, a directora para as Mudanças Climáticas do Ministério da Terra e Ambiente, Jadwiga Massinga, considera que depois dos sinais dados na conferência, a expectativa agora é ver as promessas transformadas em acções concretas. “Houve muitas declarações e promessas que deram à conferência um sentido histórico, contudo, vamos ver na prática o que vai doravante acontecer” disse, dando voz ao que é a preocupação geral, pelo menos ao nível

dos países em desenvolvimento. “O principal diferencial desta COP será a transformação de todas as promessas em acções práticas, porque se não for assim, por exemplo, no que diz respeito a questões de financiamento, será igual às outras COP” frisou. No que diz respeito ao acordo sobre os combustíveis fósseis, Massinga destaca a importância do reconhecimento da necessidade de uma transição justa, uma das narrativas que Moçambique, a par de outros países do chamado Sul global vinha defendendo e espera que os países que ainda estão no início da fase de exploração destes recursos, não sejam penalizados. “Estamos comprometidos com a luta para travar os desafios ambientais, mas, também estamos ainda com desafios de desenvolvimento e não podemos ombrear com os países desenvolvidos. Com

isso quero dizer que é preciso que haja equilíbrio na transição e não haja rigidez, é preciso permitir que também nos seja permitido usufruir destes recursos”, disse, em alusão ao gás natural, em particular na bacia do Rovuma, cuja exploração ainda está na fase inicial. Sobre a participação de Moçambique, Jadwiga Massinga considera ter sido extremamente positiva e destaca os resultados alcançados, quer na advocacia das potencialidades nacionais na área ambiental, quer também no que diz respeito aos acordos bilaterais que conseguiu fechar. Dos resultados concretos alcançados destacou alguns acordos de financiamento e memorandos de entendimentos, tais como por exemplo, os 33 milhões de dólares anunciados pelo Fundo Global do Ambiente (GEF), 15 milhões da União Europeia para adaptação climática, entre outros.

## Bélgica troca metade da dívida por financiamento da acção climática



Caroline Gennez e Verónica Macamo

O Governo da Bélgica oficializou, na primeira semana de Dezembro, em Bruxelas, a troca de dívida de Moçambique por acções de prevenção e combate às mudanças climáticas. Trata-se de um acto que oficializa uma proposta que já tinha sido anunciada no início do ano, pela Ministra belga da Cooperação para o Desenvolvimento, Caroline Gennez, durante a sua visita a Moçambique. Segundo um comunicado de imprensa recebido na nossa redacção, trata-se de cerca de 2,4 milhões de euros, correspondentes a cerca de metade do total da dívida que Moçambique tem com a Bélgica, que será cancelada “em troca de investimentos na luta contra a crise climática”.

“Se quisermos apoiar os países do Sul Global na sua transição para uma economia sustentável e respeitadora do clima, temos de olhar para além do apoio financeiro tradicional. Uma conversão da dívida em favor do clima é uma forma inovadora e criativa de tornar concreta e viável a solidariedade entre o Norte e o Sul Global” afirmou Caroline Gennez, citada no comunicado. A conversão da dívida pelo financiamento climático faz parte do novo programa da Bélgica na sua cooperação com Moçambique. O novo instrumento, assinado há sensivelmente um ano para o período 2023-2028 é inteiramente dedicado à luta contra a crise climática e tem como principal eixo, “a componente de perdas e danos.

### ENI avança para a produção de óleo vegetal para o uso em bio-refinarias

A Eni Rovuma Basin (ERB), operadora do projecto de exploração de gás na Área 4 da Bacia do Rovuma, vai iniciar com a produção de óleo vegetal que será utilizado como matéria-prima nas bio-refinarias da empresa na Itália.

Segundo o anúncio, feito nesta quinta-feira em comunicado de imprensa, trata-se de uma iniciativa que faz parte da sua estratégia geral visando contribuir para a descarbonização do sector dos transportes.

“Este projecto é apoiado pelo Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural (MADER), no âmbito do Acordo Específico assinado em Fevereiro de 2022, para o desenvolvimento e cultivo de culturas oleaginosas”, lê-se no comunicado enviado ontem pela Eni.

Sem avançar com o valor do investimento a ser feito, a nota indica, no entanto, que o óleo vegetal que é extraído de subprodutos de fábricas locais de agro-processamento está certificado de acordo com os padrões ISCC-EU (International Sustainability Carbon Certification European Union), que garantem que os insumos para a produção de biocombustíveis são produzidos de forma sustentável e permitem a rastreabilidade, o respeito pelo meio ambiente e pelos direitos humanos.

### Mudanças Climáticas poderão acelerar níveis de pobreza no país

O Banco Mundial alerta para o risco de agravamento da situação da pobreza em Moçambique, nas próximas três décadas, devido aos efeitos das Mudanças Climáticas. De acordo com um Relatório sobre Clima e Desenvolvimento, divulgado no início de Dezembro corrente, os “impactos das mudanças climáticas poderão levar até 1,6 milhões de pessoas adicionais à pobreza até 2050, agravando ainda mais os factores de fragilidade na maior parte do país”. O documento avalia como as mudanças climáticas e a descarbonização global poderão impactar os moçambicanos e o desenvolvimento do país nas próximas décadas, e aponta quatro caminhos para mitigar os possíveis impactos, tendo como enfoques, a adaptação, resiliência e o crescimento de baixo-carbono. A adopção de medidas em toda a economia para aumentar a capacidade de adaptação do país; priorização do desenvolvimento e manutenção de infraestruturas críticas; protecção dos mais vulneráveis enquanto se promove o crescimento verde, resiliente e inclusivo; e capitalização da riqueza energética e mineral de Moçambique são as sugestões que o relatório coloca ao país. “É necessário que Moçambique incorpore plenamente as mudanças climáticas na sua estratégia nacional de desenvolvimento, para que o país se torne mais resiliente e capaz de se adaptar aos desafios e oportunidades colocados pelas mudanças climáticas”, salientou Idah Pswarayi-Riddihough, Directora do Banco Mundial para Moçambique, Madagáscar, Ilhas Maurícias, Comores e Seicheles. O relatório, cuja síntese tivemos acesso, destaca o facto da contribuição de Moçambique para as emissões globais de gases com efeito de estufa ser mínima (0,21%), o que contrasta com os impactos que têm sofrido, que o colocam como um dos mais vulneráveis do mundo às mudanças climáticas. Por outro lado, o relatório estima que o nível de investimento necessário até 2030 para alcançar a resiliência climática do capital humano, físico e natural do país ascende aos 37,2 mil milhões de dólares. “O custo da inacção será provavelmente mais elevado” alerta a organização, sugerindo depois para que o país use as receitas do Gás para apoiar investimentos em adaptação e resiliência às alterações climáticas.



## O desaparecimento físico de Alysson Paolinelli, o pai da agricultura brasileira

Iniciamos esta rubrica com uma crónica de Homenagem a uma das Figuras proeminentes, que viria a destacar-se na Moderna Agricultura Brasileira da Segunda e da Primeira Metade do Séc. XX e XXI, recentemente desaparecido do nosso convívio terreno. Falamos e recordamos, com inteiro merecimento, de Alysson Paolinelli que nos deixou no passado dia 29 de Junho do corrente ano, aos 86 anos.

O Brasil foi surpreendido com a morte do ex-Ministro e ex-Deputado, o Arquitecto da Moderna Agricultura Brasileira que criou as bases do extraordinário avanço nos últimos 50 anos.

Aos 86 anos estava activo, presidindo à Associação dos Produtores de Milho e responsável pelo grande salto nos últimos três anos, colocando o Brasil na corrida para passar de terceiro para segundo maior Produtor Mundial do produto com multusos na Agricultura e na Energia Renovável.

Apesar de conservador — foi Ministro do Governo do General Geisel, no período militar, e deputado constituinte pelo Partido da Frente Liberal —, a sua morte viria a provocar manifestações em toda a Sociedade do Brasil. Desde o Presidente Lula da Silva ao ex-Presidente Jair Bolsonaro, que foi ao seu funeral. O Governador de Minas Gerais, Romeu Zema, decretou luto oficial por três dias. Os Ministros Carlos Fávero, de Lula, e Roberto Rodrigues, nos Governos anteriores, também se manifestaram.

Ao promover a chegada da Ciência e da Tecnologia de Ponta ao Sector Agrícola, Paolinelli incorporou mais de dois milhões de quilómetros quadrados à área produtiva, justamente onde hoje está a maior parte da Produção de Soja, Açúcar e da Pecuária. A Embrapa, empresa de tecnologia que ele impulsionou, é considerada mundialmente como incontornável nas pesquisas em incorporar produtividade e qualidade na Produção Agrícola. Assim, Alysson Paolinelli foi indicado duas vezes para o Prémio Nobel pela sua contribuição no crescimento da produção de alimentos no Mundo.

O arranque que fez o Brasil ser o quarto maior produtor e maior exportador de Produtos Agrícolas do Mundo teve início ali, nos seus cinco anos de Ministro e nos últimos 15 anos do Regime Militar. Entre os maiores produtores de Café, Soja, Milho, Algodão, Laranja, Açúcar, Fruticultura diversificada, Celulose, produção Bovina, Suína e Avícola, o Brasil como potência Agrícola nasceu

neste meio da Segunda Metade do Séc. XX. E Paolinelli recebeu o Nobel da Alimentação em 2006, o World Food Prize.

O chamado agronegócio representa hoje quase a metade do PIB brasileiro e 40% das exportações. A maior empresa voltada para a produção rural, em diversas propriedades, acaba de ser avaliada em mais de dois mil milhões de euros.

O sector é bem-organizado politicamente e tem presença no Parlamento com a bancada ruralista, que tem vindo a fazer frente às tentativas Socialistas na direcção de inibir o Sector, que consideramos inaceitáveis, bem vistas as coisas. Esta representação política tem travado “as investidas” intervencionistas do Governo Lula, que tem má vontade com o sector que deu, nas suas regiões, grande votação a Bolsonaro. Este teve durante o seu Governo no comando do sector outra Figura de muito prestígio, que é a Senadora Tereza Cristina, de uma família tradicional na Pecuária do Centro Oeste do País.

Num Brasil radicalizado, a morte do Agrónomo e Político foi uma pausa que uniu todos nas justas homenagens a um Grande Homem Público com serviços concretos prestados ao País e à Humanidade. Alysson Paolinelli nasceu no dia 10 de Julho de 1936, em Bambuí (Minas Gerais) e faleceu no dia 29 de Junho de 2023, no Hospital Madre Teresa, em Belo Horizonte, aos 86 anos.

Paz à sua Alma de Eleição!



Alysson Paolinelli (1936-2023)



**Boane: Depois do  
"dilúvio" agricultores  
procuram novos  
horizontes**



O distrito e o Município da Vila de Boane perdeu este ano cerca de 44 mil toneladas de diversas culturas, devido à combinação entre o calor intenso e inundações no primeiro trimestre. Depois de quase nove meses, os produtores ainda procuram se reerguer dos prejuízos, mas queixam-se de não ter apoio das autoridades locais.



O feijão é uma das apostas para o relançamento da produção em Baane

Deveyson Cossa

Fevereiro de 2023. A chuva caía de forma incessante e a cada hora, as casas, ruas e campos agrícolas eram tomados pelas águas, deixando Boane sitiado e isolado do resto da província e da cidade Maputo. Para além da população desalojada, a imagem de Boane, um município com grande componente agrícola, ficava então marcada por mais de 44 mil hectares de culturas alimentares diversas devastadas, com os produtores locais a relatarem episódios de falta de comida. Incrédula com o que viu, Virgínia Nhantumbo ainda guarda má memória daquele mês. Com 58 anos de idade, nasceu, cresceu e vive nas terras de Boane ganhando a vida pela prática da agricultura desde a tenra idade. “Sofremos muito com aquelas chuvas. As pessoas ficaram sem casas e sem as suas culturas” recordou.

Virgínia faz parte de uma associação local de camponeses e contou à nossa reportagem que a associação ainda se ressentia dos efeitos daquelas chuvas.

“Além de termos perdido culturas, perdemos todas as máquinas que usávamos para bombear a água para a irrigação. O que também faz com que não tenhamos água é o facto das águas das chuvas terem arrastado areia até à represa que servia de principal fonte”, frisou. As cheias de Fevereiro chegaram depois de terem cultivados pela associação, 10 hectares de terra onde tinham lançado sementes de milho, que acabou engolido pelas águas.

“Havia uma parte em que tinha sobrado alguns pés de milho, mas não deu para grande coisa. Não conseguimos sequer colher o suficiente para comermos por muitos dias e quase nada para vender. Passámos por momentos muito difíceis”, lamentou a camponesa.

Júlio Maposse, membro da cooperativa 25 de Setembro, é outra vítima que conversou com a nossa reportagem, recordando as perdas, quer no nível de culturas, quer na pecuária.

“Eu perdi 60 leitões porque não aguentaram com as cheias. Perdi também duas motobombas, que até agora não estamos a conseguir recuperar, para além de três hectares de culturas diversas”, recordou. Depois do “dilúvio” os produtores dizem que arregaçaram as mangas e voltaram a trabalhar a terra na esperança de que possam recuperar

# 44

MIL

TONELADAS DE  
PRODUTOS AGRÍCOLAS  
PERDIDAS

## Havia uma parte em que tinha sobrado alguns pés de milho, mas não deu para grande coisa. Não conseguimos sequer colher o suficiente para comermos por muitos dias e quase nada para vender

o tempo perdido. Depois do “dilúvio” os produtores dizem que arregaçaram as mangas e voltaram a trabalhar a terra na esperança de que possam recuperar o tempo perdido. “Foi difícil (recomeçar). Nem sequer caminhos existiam, contudo, tivemos que nos recompor por questões de sobrevivência, mas é muito difícil”. Explicou Ana Fumo. “Agora, nós os produtores, estamos à espera de pessoas de boa vontade que nos possam prestar apoio”, salientou. Gilda Guambe, membro da Associação Nhuvuko, também frisa as dificuldades que estão a enfrentar para relançar a produção depois do que perderam e mostra pouca fé para a presente época agrícola. “Nós estamos a pedir apoio para produzirmos. A nossa associação tem mais de 40 hectares que não estão a produzir. Já lavramos uma parte, falta a outra. Mas não temos dinheiro”, lamentou.

Dos produtores de Boane, o que mais se ouve por estes dias são pedidos de apoio para alavancar as suas actividades.

“Estamos a pedir apoio às pessoas que têm. Nós queremos trabalhar. A terra é fértil para milho, pimento, pepino e feijão. Somos 42 pessoas que não estamos a produzir” acrescentou Carlos Gomes, outro produtor.

### APOIOS QUE DIVIDEM

O presidente da União Distrital de Camponeses em Boane, Daniel Silva Uenzane, destaca os apoios que as associações receberam por parte do Governo e Organizações Não-Governamentais, concretamente em termos de alimentos, meios de produção, insumos e sementes, mas é cauteloso em relação aos produtores que já se beneficiaram de apoio para a sua recuperação. “Nós recebemos as coisas essenciais para retomarmos a agricultura. Pode não ter chegado para todos como desejaríamos, mas maior parte das pessoas se beneficiaram do apoio e continua a haver promessas de mais ajuda para os produtores”, avançou.

Com a ajuda a chegar a “conta-gotas”, os prognósticos para a presente época são incertos, por conta das altas temperaturas registadas entre Novembro e princípios de Dezembro corrente

“Os camponeses até semearam nas primeiras chuvas, mas houve um calor intenso no fim de Novembro e princípio de Dezembro que não está a prometer que haverá uma boa produção, porque a maior parte das culturas sofreu”, explicou aquele dirigente associativo.

### AVISO PRÉVIO

O impacto das cheias para os produtores podia ter sido minimizado, não fosse a exclusão de que os camponeses de Boane dizem ter sido vítimas por parte das autoridades responsáveis pelos sistema de previsão e alerta. “As pessoas não sabiam que haveria chuva daquela dimensão. Aquilo apanhou-nos de surpresa. As pessoas não estavam preparadas em termos de protecção. Uma vez que estamos próximos da barragem dos Pequenos Libombos, podemos dizer que a própria barragem foi negligente”, observou o presidente da União Distrital de Camponeses em Boane. “O INAM faz o seu trabalho de previsão, mas nós preferíamos que a barragem dos Pequenos Libombos fosse mais comunicativa, por ser regulador da bacia do Umbeluzi”, disse. Para a presente época chuvosa 2023/2024, os produtores em Boane esperam que haja melhorias no sistema de previsão de possíveis desastres, por forma a criar maior resiliência aos produtores. De modo a melhorar o sistema de alerta, o presidente do Município da Vila de Boane, Jacinto Loureiro, disse à Revista Terra, que “foi montado um sistema de meteorologia em frente ao município e isto vai nos permitir termos mais dados meteorológicos e prever com melhor antecipação, o que se está a passar em termos de clima, bem como preparar os agricultores”.



## Centro de transformação de gergelim em projecção no Chongoene

Empresários da província chinesa de Ubei estão em negociações com autoridades nacionais, a possibilidade de investirem na criação de um centro de transformação e exportação de gergelim na doca de Chongoene, província de Gaza.

De acordo com dados revelados na cidade de Xai-xai, pela vice-Governadora da Província de Ubei, que, na primeira semana de Dezembro corrente se encontrava de visita àquela cidade, de entre os planos que empresários chineses possuem, consta a o fornecimento de sementes qualificadas e transferência de tecnologia de produção de gergelim para ser massificada junto dos produtores familiares de Gaza.

Reagindo à pretensão, a Governadora de Gaza, Margarida Mapanzene, disse estar em curso o processo de massificação do cultivo de gergelim em todos os distritos, com destaque para a zona norte da província, estando em preparação uma área de 300 hectares para esta cultura, na presente campanha agrícola.



## Mais de 200 mil toneladas de feijão bóer exportadas

Moçambique já exportou mais de 200 mil toneladas de feijão bóer para a Índia, ao abrigo da liberalização do mercado para todos os operadores nacionais interessados, indicam dados divulgados pela CTA- Confederação das Associações Económicas de Moçambique.

De acordo com aquela organização empresarial, as quantidades referidas saíram para o mercado indiano a partir dos portos da Beira e Nacala, num processo que envolveu um total de 40 empresas exportadoras.

“Moçambique já atingiu a meta. Nós andamos preocupados há cerca de três semanas, quando estávamos a cerca de 60%, então com o despacho do ministro da economia e finanças foi possível tirar mais alguma produção. Neste momento, nas mãos dos nossos pequenos produtores não existe nenhuma produção” disse, em conferência de imprensa, o presidente da CTA, Agostinho Vuma.

Refira-se que neste ano, segundo dados da CTA, o preço de compra do feijão bóer ao produtor atingiu um valor recorde, subindo dos anteriores 12 para 50 meticais o quilo-grama.

Recorde-se que as exportações do feijão bóer estiveram durante algum tempo paradas, devido a conflito movido por certos grupos empresariais que se opunham à liberalização do mercado.

## FAO divulga novos dados sobre impacto da pecuária no clima

O Fundo das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) divulgou recentemente novos dados sobre o impacto da pecuária na poluição ambiental.

Os dados indicam que este sector representa 12% das emissões de gases de efeito estufa causadas pelas actividades humanas e alerta para um impacto climático ainda pior, “se a demanda da carne continuar aumentando no mundo”.

Para reduzir o risco de um impacto ainda pior no clima, a Organização defende a necessidade de melhorar a produtividade de toda a cadeia do setor, incluindo a mudança da alimentação dos animais e melhorar a sua saúde.

Com base numa análise que teve como referência o ano de 2015, os dados indicam que desde a produção de rações para alimentar o gado até a chegada dos alimentos às lojas, foram geradas 6,2 gigatoneladas de CO2 equivalente, medida que calcula a pegada de carbono de todos os gases emitidos.

O relatório indica que o gado bovino é a principal fonte de emissões (62%), seguido pelo suíno (14%), pelas galinhas (9%), búfalos (8%) e ovelhas e cabras (7%).

As emissões diretamente ligadas à pecuária, desde os arrotos dos animais até a fermentação do esterco, representam 60% do total.





## Agricultura: onde andam as infraestruturas de ligação campo-cidade (?)

“Urge desconstruir a ideia de que a agricultura é uma atividade de risco, sendo, para isso, importante que o Estado assuma as suas responsabilidades na criação de infraestruturas que liguem as zonas de produção e os principais mercados. Não é papel do Estado levar determinados serviços para junto dos agricultores mas, sem dúvidas, é seu papel criar facilidades e incentivos para que surjam interessados em fazê-lo. A energia, as estradas e ou linhas férreas, são das infraestruturas que mais faltam para uma atividade agrícola rentável. Os sucessivos Governos da Frelimo têm apostado na transformação de agricultores familiares em produtores comerciais. Essa é, sem dúvidas, uma grande utopia. A transformação de agricultores familiares em comerciais irá depender, em grande medida, da existência de agricultores comerciais em Moçambique e estes servirão de âncoras para o crescimento de agricultores familiares. Por mais boa vontade que o Estado moçambicano tenha, não passará disso, boa vontade!”

“O sector agrícola é ainda dominado pelo subsector familiar que representa cerca de 90% da área cultivada. Este subsector está fortemente dependente de técnicas rudimentares e culturas onde a irrigação depende exclusivamente da chuva, resultando deste modo, em baixos rendimentos. A restante área arável é cultivada por grandes explorações comerciais que se dedicam exclusivamente às culturas de comercialização e de exportação. Algumas explorações de grande dimensão têm sido revitalizadas através de investimentos estrangeiros e através de companhias de empresas em joint-venture, particularmen-

te no sector do algodão (embora muitas empresas estejam a promover esquemas outgrower, envolvendo pequenos agricultores).”

In: Sociedade e Território – Natal. Vol. 31, N. 1, p. 183 –200 Jan./Jun. de 2019 / ISSN:2177-8396

É curioso que, as políticas do Governo, estão viradas para o Sector familiar de Agricultura, os vários Governos da Frelimo sempre defenderam a transformação da agricultura familiar em agricultura comercial, sem dúvidas, uma utopia!

### ***A transformação de agricultores familiares em comerciais irá depender, em grande medida, da existência de agricultores comerciais em Moçambique e estes servirão de âncoras para o crescimento de agricultores familiares***

É importante que, como venho defendendo, a agricultura familiar é muito importante e relevante em Moçambique, até pelo número de pessoas que nela participam, contudo, é preciso lembrar que, não existem mercados agrícolas capazes de resistir a produção familiar, cujas características são: baixa qualidade, irregular, imprevisível e dependente dos fenómenos naturais. A agricultura familiar, na minha opinião, pode se tornar relevante, se as políticas do Governo estiverem viradas para uma produção em escala, onde as famílias, agregadas

a um agricultor comercial, produzem na base de um contrato com aquele, sendo este o responsável por escoar a produção dos camponeses, colocar no mercado. Mas, antes, faz assistência técnica aos produtores familiares, através de alocação de semente de qualidade, com alto poder germinativo, fazendo a assistência técnica desde a lavoura até a colheita, isto é possível e, aí sim, os pequenos produtores familiares poderão se tornar agricultores comerciais a médio prazo. Uma das dificuldades para a materialização deste desiderato é a disponibilização da Terra. São muitos produtores agrícolas que se veem numa situação de limitação de produção, devido à falta de terra, numa altura em que, as estatísticas indicam que, dos 36 milhões de hectares aráveis em Moçambique, somente 15% é que é explorado, representando aproximadamente, 5,5 milhões de hectares. Nota importante é que, a maior parte desta terra, serve para as culturas de rendimento, como sejam, tabaco, algodão, cana-de-açúcar entre outras, exploradas por empresas estrangeiras e ou em regime de joint-venture e pouco participam na produção alimentar.

Há em Moçambique interesse na produção alimentar! A questão que muitos colocam é esta: por que será que a produção de alimentos em Moçambique não vingam, se a produção de culturas de rendimento tem muito sucesso!? A resposta a esta pergunta é muito simples e direta: de um modo geral, os fomentadores de culturas de rendimento são estrangeiros ou estrangeiros em parceria com moçambicanos; as terras para a produção de culturas de rendimento não precisam ser grandes extensões do ponto de vista individual, são pequenas

porções de terra que, juntas, representam muito; trata-se de culturas não comestíveis, por isso, os fomentadores tem a certeza de retorno dos seus investimentos; os canais de saída são os mesmos, sendo, por isso, difícil o seu contrabando, em contrapartida, não se pode fomentar a produção de milho, arroz ou batata sem o risco de desvio da produção, quer para o consumo, quer mesmo para a venda nos diferentes mercados, por ser um produto de grande procura local e nacional. Mais, a fraca infraestrutura rodoviária na ligação entre as zonas de produção e de comércio é outro factor inibidor. Na verdade, a produção em uma determinada localidade de Moçambique, para chegar às zo-

nas de consumo, o seu custo, muitas vezes, é superior a importar o mesmo produto das zonas de maior produção no mundo. Deste modo, Moçambique não poderá concorrer, nos próximos tempos, com outros países. Por exemplo: produzir batata em Manica, ainda que os níveis de produção sejam bons, essa batata, para chegar a Maputo, vai custar o triplo do custo de produção. Ora, Maputo é vizinho de várias províncias produtoras da África do Sul e, importar batata para Moçambique afigura-se melhor opção para o sistema do comércio do que o recurso à produção. Aqui, está evidente o papel das infraestruturas na dinamização da produção agrícola, ou seja, a produ-

ção agrícola, não pode ser vista de forma isolada, é importante que as infraestruturas de ligação entre as zonas de produção e os principais mercados, sejam funcionais. A resposta, definitiva e clara, é que existem pessoas interessadas na produção de alimentos em Moçambique. Esses produtores precisam que se crie o mínimo de infraestruturas para que o negócio possa ser lucrativo porque, definitivamente, ninguém, em consciência plena, investe num negócio que, à partida, é de risco. Pior, no caso de Moçambique, propala-se que a agricultura é um negócio de risco mas, existem, pelo mundo, grande empresários agrícolas, que ganham dinheiro no Sector

PUB

# Nossos Serviços na Área de Construção

Oferecemos uma diversa gama de opções  
aos nossos clientes

## CONTACTE-NOS NA:

1 Litchie Road, Vintonia, Nelspruit, Mpumalanga

Ou através do email:

[sales@rotundaplanthire.co.za](mailto:sales@rotundaplanthire.co.za)

Tel: +72 (82) 966 1652

Tel: +27 (83) 577 6398

Webpage: <https://rotundaplanthire.co.za/>



## Brasil registra queda de venda de equipamentos agrícolas

As vendas de máquinas agrícolas no Brasil, com destaques para tratores e máquinas de colheita, registraram uma queda em Novembro comparativamente ao período homólogo de 2022.

De acordo com dados oficiais divulgados pela imprensa brasileira, no total foram entregues aos produtores, longo do mês passado, 3,7 mil unidades, o que representa uma queda de 25,6% frente a Outubro.

De acordo com a associação que representa as concessionárias de automóveis e revendedores de máquinas usadas no campo, as vendas de máquinas reflectem a instabilidade climática e seus



efeitos sobre a produção agrícola.

“Com perspectivas de atraso ou até perda de colheitas em algumas regiões, o mercado de equipamentos para o campo segue em compasso de espera”, comentou o presidente da Fenabreve, José

Maurício Andreta Júnior, citado pel imprensa brasileira.

Nos 11 primeiros meses do ano passado, as vendas de tratores e máquinas agrícolas caíram 13,3%, somando 53,2 mil unidades de Janeiro a Novembro.

## Previsões apontam para superávit na produção global do açúcar

A trading Czarnikow elevou sua estimativa de superávit global de açúcar para o período 2023/24, de 200 mil toneladas projectadas no mês passado para 1,6 milhão de toneladas.

De acordo com agências internacionais, que citam fontes da trading Czarnikow, a estimativa de produção mundial foi aumentada em 1,3 milhão de toneladas para 179,7 milhões de toneladas, o segundo maior volume já registado.

“O aumento da produção se deve principalmente às condições climáticas favoráveis no Centro-Sul do Brasil, que deve produzir 41,5 milhões de toneladas de açúcar nesta temporada” apontam as nossas fontes.

“Além disso, acreditamos que chuvas na segunda metade da temporada na Tailândia poderão aumentar os rendimentos da cana, e adicionamos 500 mil toneladas de açúcar à nossa projecção”, acrescentaram.

Apesar da expectativa de superávit em 2023/24, a trading observou que



o mercado de açúcar continua “extremamente frágil”.

“O aumento da produção e dos estoques de açúcar ocorre em grande

parte no Brasil, onde há restrições logísticas para enviar esse açúcar até onde ele é necessário no mercado mundial” finalizam as fontes.

Que o Ano Novo seja como um solo fértil, pronto para receber sementes de sonhos e colher os frutos de um trabalho dedicado

*Feliz*

2024



**Revista Terra**

Rua da Resistencia n.º 1642, 3º Andar, Porta  
M Telef.: +258842399758, +258847344482  
e +258821233910

Email: [terramagazinemz@gmail.com](mailto:terramagazinemz@gmail.com)